



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

LUCAS NUNES MEDEIROS

**PERSPECTIVAS SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS NO ESPECTRO
AUTISTA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

LUCAS NUNES MEDEIROS

**PERSPECTIVAS SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS NO ESPECTRO
AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação / Departamento de Enfermagem
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Atenção à Pessoa com
Deficiência.

Orientadora: Profa. Dra. Inacia Sátiro Xavier de França

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488p Medeiros, Lucas Nunes.
Perspectivas sobre a sexualidade de pessoas no espectro autista [manuscrito] / Lucas Nunes Medeiros. - 2024.
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Inacia Sátiro Xavier de França, Coordenação do Curso de Enfermagem - CCBS. "

1. Transtorno do espectro autista. 2. Sexualidade. 3. Educação sexual. I. Título

21. ed. CDD 616.898 2

LUCAS NUNES MEDEIROS

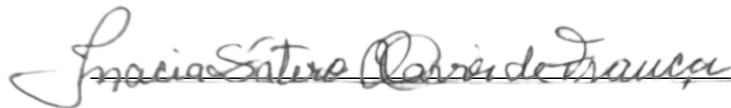
PERSPECTIVAS SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS NO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação / Departamento de Enfermagem
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Atenção à Pessoa com
Deficiência

Aprovado em: 27/06/2024.

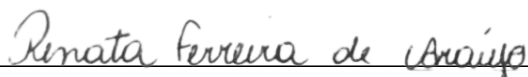
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Inacia Sátiro Xavier de França (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alexsandro Silva Coura
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Renata Ferreira de Araújo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

“Vida independente é uma falácia que reforça a ideia de que algumas pessoas são capazes e outras não, quando, na verdade, o que acontece é que algumas pessoas têm suas demandas atendidas e outras não.” **(Rita Louzeiro, 2023)**

RESUMO

Objetivo: Este trabalho teve como objetivo identificar a vivência da sexualidade de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) de ambos os sexos e diferentes faixas etárias.

Metodologia: Para tal, realizou-se uma revisão integrativa da literatura dos últimos cinco anos. A questão norteadora foi construída com base na estratégia PICO, na qual "P" refere-se a pessoas com TEA de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, incluindo seus familiares, "I" refere-se à vivência da sexualidade, intervenções na educação sexual, percepções e experiências. "Co" refere-se a investigações científicas. A estratégia de busca baseou-se na utilização dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MeSH): "Transtorno do Espectro Autista", "Sexualidade", "Educação Sexual", "*Autism Spectrum Disorder*", "*Sexuality*" e "*Sex Education*", combinados utilizando o operador booleano AND. As bases de dados utilizadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde, *PsycINFO*, *PubMed* e *ScienceDirect*. Como critérios de inclusão, estiveram artigos em português, inglês e espanhol, publicados nos últimos 5 anos, abrangendo uma variedade de abordagens metodológicas artigos pagos disponíveis através da plataforma de periódicos CAPES e que abordassem a sexualidade de pessoas com TEA. Como critérios de exclusão: artigos duplicados, artigos pagos indisponíveis via periódicos CAPES, protocolos de estudo, artigos de opinião, revisões da literatura e aqueles que não correspondem aos objetivos desta pesquisa. A análise de dados foi realizada a partir de leitura exploratória, identificação de temas recorrentes, análise temática seletiva, leitura analítica, interpretação e discussão. A busca foi realizada abril de 2024, resultando em 12 artigos. **Resultados e Discussão:** A vivência da sexualidade no TEA se mostrou marcada por dificuldades associadas à educação deficitária, práticas sexuais inadequadas e de risco que podem comprometer a saúde e integridade física, o desenvolvimento insuficiente de medidas educativas realizadas por educadores foi encontrado, a vivência dos pais é marcada por baixa eficácia no desenvolvimento de práticas educativas além de sofrimento psíquico relacionado a temores em relação ao futuro dos filhos. **Considerações Finais:** torna-se evidente a necessidade de construção de instrumentos educativos eficientes na educação de pessoas com TEA, de modo a prevenir complicações afetivo-sexuais. Medidas educativas para profissionais de saúde mostraram-se necessárias em face à crescente diagnóstica e lacunas educativas.

Palavras-Chave: transtorno do espectro autista; sexualidade; educação sexual.

ABSTRACT

Objective: The aim of this study was to identify the sexuality of people with Autism Spectrum Disorder (ASD) of both sexes and different age groups. **Methodology:** To this end, an integrative review of the literature from the last five years was carried out. The guiding question was based on the PICO strategy, in which "P" refers to people with ASD of both sexes and different age groups, including their families, "I" refers to the experience of sexuality, interventions in sex education, perceptions and experiences, "Co" refers to scientific research. The search strategy was based on the use of Health Sciences Descriptors (DeCS) and Medical Subject Headings (MeSH): "Transtorno do Espectro Autista", "Sexualidade", "Educação Sexual", "Autism Spectrum Disorder", "Sexuality" and "Sex Education", combined using the Boolean operator AND. The databases used were: Virtual Health Library, PsycINFO, PubMed and ScienceDirect. The inclusion criteria were articles in Portuguese, English and Spanish, published in the last 5 years, covering a variety of methodological approaches, paid articles available through the CAPES journal platform and which addressed the sexuality of people with ASD. Exclusion criteria were: duplicate articles, paid articles unavailable via CAPES journals, study protocols, opinion articles, literature reviews and those that did not correspond to the objectives of this research. The data was analyzed through exploratory reading, identification of recurring themes, selective thematic analysis, analytical reading, interpretation and discussion. The search was carried out in April 2024, resulting in 12 articles. **Results and Discussion:** The experience of sexuality in ASD was marked by difficulties associated with poor education, inappropriate and risky sexual practices that can compromise health and physical integrity, the insufficient development of educational measures carried out by educators was found, the experience of parents is marked by low effectiveness in the development of educational practices in addition to psychological suffering related to fears about the future of their children. **Final considerations:** there is a clear need to develop effective educational tools for people with ASD in order to prevent affective-sexual complications. Educational measures for health professionals have proved necessary in view of the growing diagnostic and educational gaps.

Keywords: autism spectrum disorder; sexuality; sexual education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APS	Atenção Primária à Saúde
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID-11	Classificação Internacional de Doenças
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DSM-5-TR	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MeSH	<i>Medical Subject Headings</i>
PCD	Pessoa com Deficiência
PNAISPD	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Pessoa com Deficiência
RCPD	Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência
TEA	Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos analisados nesta revisão contendo nome dos autores e ano de publicação, título e objetivo do estudo..... 20

Quadro 2 - Estudos analisados nesta revisão contendo metodologia empregada e principais resultados 22

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma do procedimento de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos textos.....	18
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVO.....	12
2.1	Objetivo geral.....	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1	Aspectos legais e diagnósticos do transtorno do espectro autista	13
3.2	Características do transtorno do espectro autista	14
3.3	Dos direitos sexuais e reprodutivos	15
4	METODOLOGIA.....	17
4.1	Delineamento.....	17
4.2	Estratégia de busca.....	17
4.3	Crerios de inclusão e exclusão.....	17
4.4	Identificação, triagem e inclusão	18
4.5	Processamento dos dados.....	19
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O cuidado às pessoas com deficiência (PCD) por vezes é negligenciado, apesar do arcabouço legislativo prever o acesso aos serviços de saúde (Brasil, 2012; Adam, 2021). Tratando mais especificamente com Transtorno do espectro autista (TEA), as lacunas de cuidados iniciam da identificação diagnóstica durante a infância (Zeidan *et al.*, 2022) até o cuidado na velhice (Edelson *et al.*, 2021).

Estas lacunas perpassam também o aspecto do desenvolvimento sexual e afetivo, resultando em falta de satisfação sexual, disfunção sexual, comportamentos de risco e vitimização (Young e Cocallis, 2023). Profissionais de saúde e de educação percebem brechas na aprendizagem sobre a sexualidade deste grupo, tornando necessário adaptações nas intervenções educativas em saúde para pessoas com TEA e seus cuidadores de modo a colaborar na prevenção de complicações do desenvolvimento sexual (Torralbas-Ortega *et al.*, 2023).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuropsiquiátrica intrínseca, que se manifesta por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de comportamentos, interesses e atividades que são restritos e repetitivos. O TEA é classificado em três níveis, cada um necessitando de um grau específico de suporte (World Health Organization, 2022; American Psychiatric Association, 2023).

Em relação às vivências sexuais a maioria dos jovens com TEA deseja estar em um relacionamento. As meninas demonstraram ter mais experiência nesse aspecto em comparação com os meninos, embora tenham relatado mais experiências negativas. Além da relação entre vulnerabilidades sociosexuais e vitimização (Joyal *et al.*, 2021).

Essas limitações tornam-se ainda mais acentuadas no caso de minorias sexuais e de gênero com TEA. A interseccionalidade entre essas identidades muitas vezes resulta em rejeição e questionamentos sobre a capacidade de autodeterminação dessas pessoas por parte de seus pais, o que pode levar ao isolamento e ao desenvolvimento de comorbidades (Hillier *et al.*, 2020).

Do ponto de vista de gênero, no que diz respeito às necessidades das mulheres com TEA, o estudo de Dubreucq e Dubreucq (2021) destaca que as investigações sobre a saúde sexual e reprodutiva desse grupo são insuficientes, assim como a oferta de cuidados especializados. Embora essas mulheres enfrentem maiores riscos de estigmatização, abuso sexual, sintomas psiquiátricos exacerbados e diversas necessidades não atendidas, existe uma notável falta de estudos e intervenções que tratem essas questões de maneira adequada.

As características longitudinal e integral dos cuidados de enfermagem em atenção primária à saúde revelam a necessidade de abordar sob a perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos as PCDs mais especificamente pessoas com TEA em seus diversos níveis de suporte. Visto que a literatura sobre o assunto revela maior quantidade de comportamentos sexuais inadequados e de risco nesta população (Maggio *et al.*, 2022).

As experiências afetivas e sexuais de jovens com TEA são vivências complexas, neste contexto o apoio parental e a comunicação empática e sensível às necessidades mostra-se relevante, assim como programas de educação em saúde, visando garantir informações de qualidade, neste contexto torna-se necessário promover o desenvolvimento sexual e afetivo de forma adaptada (Torralbas-Ortega *et al.*, 2023). O papel do enfermeiro em Atenção Primária à Saúde (APS) frente aos programas de educação em saúde e prevenção de agravos são relevantes para mitigar estas problemáticas.

O estudo desenvolvido por Kohn et al. (2023) revela a necessidade de abordagens educativas que levem em consideração a comunicação. A pesquisa destaca que adultos autistas possuem níveis de desejo por relacionamentos sexuais e românticos semelhantes aos de seus pares não autistas, mas apresentam menos experiências de namoro e são menos propensos a estarem em relacionamentos. O estudo sugere que os adultos autistas têm significativamente menos experiências com parceiros e habilidades de linguagem comprometidas.

Neste contexto surge a questão: Quais são os resultados das investigações científicas sobre a vivência da sexualidade de pessoas com TEA de ambos os sexos e diferentes faixas etárias?

Em razão desta temática tratar-se de um problema social e de saúde pública, medidas de identificação, educação em saúde, prevenção de agravos e de comorbidades resultantes de práticas sexuais inadequadas devem ser tomadas. Portanto, espera-se desenvolver por meio desta pesquisa dados que corroborem para a melhoria da assistência de enfermagem e das políticas públicas instituídas. Além da melhor compreensão acerca desta temática e identificação de lacunas na assistência.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Identificar os resultados obtidos em investigações científicas sobre a sexualidade de pessoas com TEA de ambos os sexos e em diferentes faixas etárias, incluindo crianças, jovens e adultos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Aspectos legais e diagnósticos do transtorno do espectro autista

A Constituição Federal (Brasil, 1988), no Artigo 23, elucida que é de competência dos entes federados, em nível dos poderes executivos, prestar assistência às pessoas com deficiência (PCD). Com o objetivo de proteger e promover a saúde das PCDs, além de promover autonomia, qualidade de vida e inclusão social, é instituída a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Pessoa com Deficiência (PNAISPD), estabelecendo também a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência (RCPD) (Brasil, 2023).

A Classificação Internacional de Doenças, revisão 11 (CID-11), caracteriza o TEA como uma condição neuropsiquiátrica complexa, que se manifesta por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social recíproca, além de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos que não se alinham com as normas típicas para a idade e o contexto cultural. Manifestado geralmente na primeira infância, os sintomas podem se tornar mais evidentes quando as exigências sociais excedem as capacidades do indivíduo, afetando significativamente sua vida pessoal, familiar, social, educacional e ocupacional (World Health Organization, 2022).

Já o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) compreende e especifica o TEA em níveis de gravidade por três categorias, exigindo em cada uma delas determinada necessidade de suporte, sendo a categoria 1 a de apoio, a categoria 2 a de apoio substancial e a categoria 3 a de apoio muito substancial. As categorias onde se observa prejuízo são quanto à comunicação social e aos comportamentos restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2023).

As edições do DSM-5 e da CID-11 unificaram a categoria diagnóstica antes conhecida como Síndrome de Asperger dentro do TEA (Donvan e Zucker, 2017). Contudo alguns estudos revelam dificuldades de adaptação a este modelo diagnóstico (De Giambattista *et al.* 2019; Smith e Jones, 2020).

A avaliação abrangente que possibilite o diagnóstico precoce acertado para ambos os sexos se mostra uma limitação, resultando em maior diagnóstico em meninos que em meninas, contudo dados revelam a prevalência de 65 a cada 10.000 crianças, com tendência de aumento no número de diagnósticos (Zeidan *et al.*, 2022). Medidas de invariância evidenciaram que não há variação significativa das características do TEA entre os sexos (Zhong *et al.*, 2023).

A Lei número 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, reconhece em seu artigo 2º o TEA como deficiência, já

em seu artigo 3º o direito ao acesso e a atenção integral à saúde, além de diagnóstico precoce, mesmo que não definitivo (Brasil, 2012).

Compreender e identificar sinais e sintomas de transtornos do neurodesenvolvimento em tempo hábil constitui uma estratégia necessária durante as consultas de atenção à saúde da criança e do adolescente. Essa prática visa intervir precocemente, melhorar o prognóstico e promover intervenções terapêuticas que elevem a qualidade de vida das pessoas com TEA (Clemente *et al.*, 2024). A abordagem multiprofissional permite uma melhor compreensão das especificidades, otimiza as abordagens terapêuticas, além de facilitar a identificação e o tratamento de comorbidades (Muniz *et al.*, 2024).

Entretanto, aspectos como o conhecimento insuficiente, gerenciamento ineficaz de abordagens terapêuticas e insegurança no manuseio da assistência são entraves comuns da prática, evidenciando lacunas no processo ensino-aprendizagem sobre o TEA durante a formação de enfermeiros (Adam, 2021). A longitudinalidade da assistência à saúde oferecida pelos enfermeiros torna premente a necessidade de apreensão de conhecimentos sobre o TEA, como forma de prestar cuidados integrados a RCPD (Bonfim *et al.*, 2020).

3.2 Características do transtorno do espectro autista

A etiologia do TEA ainda permanece pouco compreendida, embora discussões sobre fatores ambientais e genéticos tenham surgido, os mecanismos exatos de desenvolvimento deste transtorno não são bem conhecidos (Bölte, Girdler e Marschik, 2019).

Uma das características marcantes do TEA é o movimento motor estereotipado e repetitivo, trata-se de um mecanismo de autorregulação frente a situações de estresse e a emoções complicadas, através da estimulação sensorial como uma forma de adaptação e comunicação emocional que é pouco aceito socialmente (Kapp *et al.*, 2019).

O hiperfoco é descrito como uma característica comum em diversos transtornos. É presente também no TEA, é caracterizado como uma manifestação sustentada e restritiva de atenção em tópicos de interesse, que pode ser tanto benéfica quanto desafiadora, ao passo que permite a imersão em determinada área, também restringe a percepção de outras fontes de estímulos (Ashinoff e Abu-akel, 2021).

Estudos revelam maiores níveis de *Bullying* e vitimização maiores em crianças estudantes com TEA e outras deficiências em relação aos estudantes típicos (Park *et al.*, 2020). O comportamento descrito como *masking* ou camuflagem é descrito como uma estratégia em busca de integração social em meio a falta de adaptação social aos traços autísticos, é

frequentemente encontrado em adultos, contudo a sua prática relaciona-se ao adoecimento psíquico (Bradley *et al.*, 2021). Levando ao desenvolvimento de ansiedade e exaustão (Hull *et al.*, 2017; Cage e Troxell-Whitman, 2019). Esta prática tem sido descrita predominante no grupo de mulheres autistas em relação a homens, tendo como razão as diferenças neuroanatômicas (Alaghband-rad, Hajikarim-hamedani e Motamed, 2023; Corbett *et al.*, 2021).

A seletividade alimentar é uma das características presentes e descritas no TEA relacionada a sensibilidade sensorial, fobia ou falta de interesse em comer determinados alimentos, contudo em casos graves de dieta restritiva e evitativa podem ter consequências para a saúde física e mental (Bourne; Mandy e Bryant-waugh, 2022). as dificuldades alimentares aumentadas em crianças com TEA está relacionada à prática realizada pelos pais de maior pressão para comer (Kozak *et al.*, 2023).

As dificuldades no desenvolvimento da fala e de linguagem assim como a apraxia da fala podem estar presentes em pessoas com TEA, sendo uma característica diversa entre os perfis clínicos (Vogindroukas *et al.*, 2022). o estudo desenvolvido por Conti *et al.* (2020) avaliou através de ressonância magnética as diferenças estruturais dos cérebros de crianças com TEA, com apraxia da fala na infância e crianças com desenvolvimento típico, foi encontrada diferença significativa entre o grupo de crianças com TEA e crianças típicas, enquanto as diferenças estruturais entre a apraxia da fala na infância e crianças típicas teve alterações mais focadas na região frontal.

3.3 Dos direitos sexuais e reprodutivos

A Lei número 8.069 aborda de forma abrangente a atenção integral à saúde sexual e reprodutiva, garantindo os direitos sexuais e reprodutivos dos jovens, destaca-se a importância da privacidade e do consentimento informado, reconhecendo adolescentes como sujeitos de direitos, o que implica assegurar a confidencialidade e a necessidade de obter seu consentimento para procedimentos e decisões que lhes dizem respeito (Brasil, 1990).

Os direitos sexuais e reprodutivos são de suma importância para garantir a saúde e o bem-estar de todas as pessoas. A educação para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), assim como o acesso a testes regulares e tratamento adequado para manter a saúde sexual são cruciais. O planejamento familiar a discussão sobre diferentes métodos contraceptivos, a educação de pessoas sobre seus corpos e funções sexuais e reprodutivas informações sobre anatomia, fisiologia, ciclo menstrual, fertilidade e prevenção

de doenças são necessárias para a tomada de decisões informadas e saudáveis sobre sua vida sexual e reprodutiva (Brasil, 2005; Brasil, 2016).

A sexualidade e a reprodução são aspectos fundamentais da experiência humana, e o reconhecimento desses direitos para pessoas com deficiência é crucial para a inclusão social. A inclusão social das pessoas com deficiência envolve a ampliação de suas experiências afetivas e sexuais, promovendo educação preventiva e superando estigmas. O acesso a informações e serviços de saúde sexual e reprodutiva é um direito que deve ser assegurado, permitindo que as pessoas com deficiência sejam agentes ativos de suas escolhas e vivências (Brasil, 2009).

4 METODOLOGIA

4.1 Delineamento

A formulação do questionamento de pesquisa levou em consideração a estratégia PICO tendo como P (População): Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, incluindo seus familiares. I (Interesse): Vivência da sexualidade, intervenções na educação sexual, percepções e experiências. Co (Contexto): Investigações científicas (Aromataris; Munn, 2017).

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como descritiva de revisão integrativa da literatura, a pesquisa descritiva tem como principal objetivo observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Esse tipo de abordagem permite uma compreensão aprofundada dos temas investigados a partir de uma análise detalhada de literatura já existente, proporcionando uma visão ampla e crítica sobre o assunto (Whittemore e Knafl, 2005; Gil, 2010).

O escopo deste estudo é identificar pesquisas científicas sobre a sexualidade de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em diferentes faixas etárias, incluindo crianças, jovens e adultos. Além disso, visa examinar as principais intervenções utilizadas na educação sexual de indivíduos com TEA, bem como as percepções e experiências de seus familiares em relação a esse tema.

4.2 Estratégia de busca

A busca foi realizada em abril de 2024. As bases de dados utilizadas foram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a base de dados especializada em psicologia *PsycINFO*, a base de dados em ciências médicas *PubMed* e o *ScienceDirect*. Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Transtorno do Espectro Autista”, “Sexualidade” e “Educação Sexual” assim como as versões no *Medical Subject Headings* (MeSH): “*Autism Spectrum Disorder*”, “*Sexuality*” e “*Sex Education*” combinados com o operador booleano AND.

4.3 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão consideraram textos completos publicados de 2019 a 2024, abrangendo uma variedade de abordagens metodológicas, como estudos de avaliação, observacionais, qualitativos e quantitativos, alinhados com os objetivos deste estudo. Foram aceitos artigos nos idiomas português, inglês e espanhol. Assim como artigos pagos disponíveis

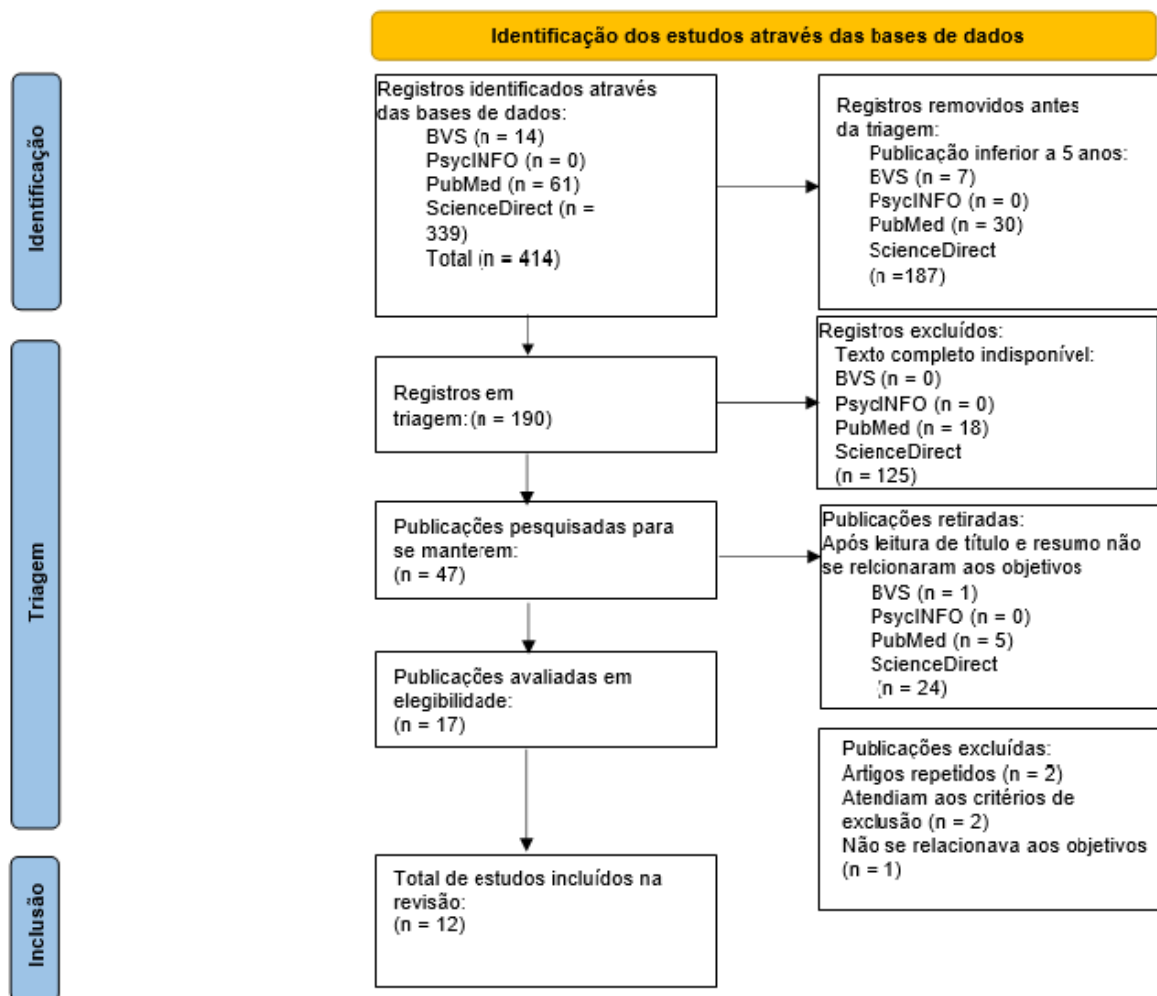
através da plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os critérios de exclusão eliminaram artigos duplicados, artigos pagos indisponíveis via periódicos CAPES, protocolos de estudo, artigos de opinião, revisões da literatura e aqueles que não correspondiam aos objetivos desta pesquisa.

4.4 Identificação, triagem e inclusão

A busca preliminar resultou em 414 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, e uma análise minuciosa dos textos durante a triagem, 12 artigos relevantes para a temática e objetivos propostos no estudo foram selecionados para compor esta revisão.

Figura 1. Fluxograma do procedimento de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos textos.



Fonte: Elaborado pelo autor por meio do modelo PRISMA (Page, *et al.* 2021), 2024.

O modelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) é uma diretriz projetada para ajudar autores a melhorar a qualidade dos relatos. Através de um checklist de 27 itens e um fluxograma de quatro fases que devem ser seguidos para garantir transparência e rigor metodológico na condução e na divulgação desses estudos (Page, *et al.* 2021).

4.5 Processamento dos dados

Os textos foram analisados seguindo as etapas propostas por Gil (2010), que envolvem procedimentos sistemáticos para garantir a consistência e a validade dos resultados. Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória dos textos para obter uma visão geral do conteúdo e identificar temas recorrentes. Em seguida, os textos foram submetidos a uma análise temática seletiva, onde os temas emergentes foram selecionados entre os diferentes estudos incluídos na revisão. Posteriormente, foi realizada uma leitura analítica, permitindo a identificação das ideias-chave presentes nos textos.

Por fim, os resultados foram interpretados e discutidos, buscando integrar os achados conforme seguindo os passos de classificação e codificação dos dados extraídos, exibição de dados convertidos representações visuais, como matrizes ou gráficos, para facilitar a comparação e a identificação de padrões. E por fim, a conclusão e verificação através do desenvolvimento de generalizações ou modelos conceituais a partir dos padrões identificados, juntamente com uma verificação contínua com as fontes primárias para assegurar a precisão e a confirmabilidade das conclusões (Whittemore e Knafl, 2005).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados foi realizada em formato de quadros, visando melhor identificação dos textos analisados. A disposição dos registros literários foi organizada de modo a apresentar os nomes dos autores, ano de publicação, identificador do artigo, título e objetivos da pesquisa (Quadro 1). Os artigos foram identificados através de letras e números de modo a facilitar a disposição da metodologia de cada trabalho e dos principais resultados (Quadro 2)

Quadro 1. Estudos analisados nesta revisão contendo nome dos autores e ano de publicação, título e objetivo do estudo.

Autor, Ano de Publicação e Identificação do Texto	Título	Objetivo do estudo
Holmes; Strassberg e Himle, 2019 (A1)	“Family sexuality communication for adolescent girls on the autism spectrum”	Descrever como as famílias conversam sobre sexualidade com adolescentes autistas do sexo feminino.
Pugliese <i>et al.</i> , 2020 (A2)	“Feasibility and preliminary efficacy of a parent-mediated sexual education curriculum for youth with autism spectrum disorders”	Avaliar a viabilidade, aceitabilidade e eficácia preliminar de programa de apoio para jovens com TEA em relacionamentos.
André <i>et al.</i> , 2022 (A3)	“Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista”	Investigar o que os pais pensam sobre falar de sexualidade com seus filhos autistas.
André <i>et al.</i> , 2022 (A4)	“Comunicación sexual en padres de hijos con trastorno del espectro autista”	Comparar como os pais falam sobre sexualidade de acordo com os diferentes níveis de autismo de seus filhos
Crehan; Rocha e Dufresne, 2022 (A5)	“Brief report: Sources of sexuality and relationship education for autistic and	Comparar potenciais fontes de Educação Sexual e Relacionamentos em nove

	neurotypical adults in the US and a call to action”	áreas de conteúdo.
Daghustani e Mackenzie, 2022 (A6)	“Stigma, gendered care work and sex education: Mothers’ experiences of raising autistic adolescents sons in socially conservative societies”	Relatar experiências de mães criando filhos autistas adolescentes e como elas lidaram com seus comportamentos sexuais e emocionais, considerando o contexto social.
Masoudi <i>et al.</i> , 2022 (A7)	“Exploring experiences of psychological distress among Iranian parents in dealing with the sexual behaviors of their children with autism spectrum disorder: a qualitative study”	Explorar experiências de pais iranianos com sofrimento psicológico ao lidar com os comportamentos sexuais de seus filhos com TEA.
Bloor <i>et al.</i> , 2022 (A8)	“Investigating the challenges of teaching sex education to autistic learners: A qualitative exploration of teachers’ experiences”	Abordar as dificuldades de ensinar educação sexual para autistas.
Kohn <i>et al.</i> , 2023 (A9)	“Sexual Knowledge, Experiences, and Pragmatic Language in Adults With and Without Autism: Implications for Sex Education”	Comparar o conhecimento sexual, experiências e habilidade de linguagem pragmática em uma amostra comunitária de adultos jovens com e sem autismo.
Gibbs; Hudson e Pellicano, 2023 (A10)	“The extent and nature of autistic people’s violence experiences during adulthood: A cross-sectional study of victimisation”	Investigar a extensão e a natureza das experiências de violência relatadas por adultos autistas.
Torralbas-ortega <i>et al.</i> , 2023 (A11)	“Affectivity, sexuality, and autism spectrum disorder: qualitative analysis of the experiences of autistic young	Entender a opinião de pessoas com TEA e suas famílias, para oferecer essa perspectiva aos profissionais

	adults and their families”	e facilitar programas adaptados de educação em saúde em unidades de saúde mental.
Torrallas-ortega <i>et al.</i> , 2023 (A12)	“Affectivity and Sexuality in adolescents with Autism Spectrum Disorder from the Perspective of Education and Healthcare professionals: a qualitative study”	Compreender a opinião de profissionais de educação e saúde sobre as necessidades afetivas e sexuais de jovens com TEA.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Quadro 2. Estudos analisados nesta revisão contendo metodologia empregada e principais resultados.

Artigo	Metodologia	Principais Resultados
A1	Estudo transversal	Os tópicos discutidos pelos pais são básicos, muitos não discutem temas complexos de relacionamentos ou saúde sexual.
A2	Experimental pré-teste/pós-teste com grupo controle	O programa educacional foi eficaz em aumentar o conhecimento dos pais e dos jovens sobre sexualidade, além de melhoria na eficácia dos pais em discutir sexualidade com seus filhos.
A3	Estudo qualitativo	Há dificuldades para discutir sobre sexualidade, evitando temas mais sensíveis como abuso sexual.
A4	Estudo Transversal	Há diferenças significativas na comunicação sexual entre os pais, dependendo do nível de TEA dos filhos.

A5	Estudo transversal	Adultos autistas consultam menos seus pares da mesma idade sobre temas afetivo-sexuais.
A6	Estudo qualitativo longitudinal	Mães enfrentam isolamento, ansiedade e preocupações com o futuro dos filhos.
A7	Estudo qualitativo	Pais enfrentam estresse psicológico ao lidar com os comportamentos sexuais de seus filhos com TEA.
A8	Estudo qualitativo longitudinal	Há dificuldades para adaptar o ensino de educação sexual às necessidades individuais dos alunos autistas.
A9	Estudo transversal	Adultos autistas demonstraram ter menos conhecimento sobre comportamentos sexuais, identidade sexual e normas socioculturais.
A10	Estudo transversal	Adultos autistas apresentam taxas elevadas de violência incluindo assédio sexual, perseguição, violência sexual e física.
A11	Estudo qualitativo longitudinal	Problemas de comunicação e interação social atuam como barreiras no desenvolvimento de relacionamentos afetivo-sexuais.
A12	Estudo qualitativo longitudinal	Há falta de treinamento especializado para profissionais e a necessidade de programas educacionais

		adaptados para jovens com TEA.
--	--	--------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O estudo desenvolvido por André *et al.* (2022) encontra como desafios a identificação inadequada de questões sexuais específicas para esse grupo, a baixa autoeficácia dos pais para discutir sexualidade, a escassez de profissionais qualificados e a falta de ferramentas apropriadas. Além disso, os pais expressam temores relacionados às preocupações com abuso sexual. Também destaca a importância crucial de uma educação sexual inclusiva que comece cedo na vida de indivíduos com TEA, reconhecendo suas necessidades e desejos sexuais.

Resultados semelhantes foram identificados no estudo realizado por Holmes, Strassberg e Himle (2019). A maioria dos pais depende apenas de discussões verbais, sem utilizar suportes visuais ou técnicas de ensino baseadas em habilidades. A comunicação sobre sexualidade é influenciada por diversos fatores, como o funcionamento intelectual da criança, idade, raça/etnia e expressão de interesse sexual. Existe uma carência significativa de recursos acessíveis e disponíveis para apoiar os pais na educação sexual de filhas com autismo, indicando barreiras para a utilização de técnicas instrucionais aprimoradas.

A comunicação sexual entre pais e filhos com TEA geralmente se limita a tópicos superficiais, como higiene e partes privadas, enquanto temas mais complexos, como abuso sexual, gravidez e ISTs, são frequentemente evitados. Esta falta de discussão varia significativamente dependendo do nível de TEA dos filhos. Para melhorar essa comunicação, é crucial que profissionais da saúde incentivem e apoiem os pais, fornecendo orientação e recursos adequados para abordar esses assuntos de forma eficaz e inclusiva (André *et al.*, 2022).

O estudo desenvolvido por Pugliese *et al.* (2020) criou e validou uma estratégia educacional gamificada que demonstrou ser altamente factível e aceitável pelos participantes, conforme indicado pelos resultados do estudo. Os participantes relataram um aumento significativo no conhecimento sobre sexualidade tanto entre os pais quanto entre os jovens após sua participação no programa. Além disso, observou-se uma melhoria na eficácia dos pais em discutir questões sexuais com seus filhos.

Indivíduos com TEA têm menos acesso à educação sexual e reprodutiva, o que os deixa mais vulneráveis ao abuso sexual. Embora a internet seja uma fonte para ambos os grupos, adultos autistas consultam menos seus pares da mesma idade sobre flerte, namoro e

consentimento. Além disso, é menos frequente que aprendam sobre consentimento com parceiros românticos, o que é preocupante devido à complexidade desse tema (Crehan; Rocha e Dufresne, 2022).

Mães de adolescentes autistas enfrentam grandes desafios ao lidar com os comportamentos sexuais e emocionais de seus filhos, o que frequentemente resulta em isolamento e ansiedade. Além disso, há necessidade de incorporar educação sexual nas escolas. O suporte familiar, social e educacional para essas mães é crucial, que geralmente se encarregam do cuidado com seus filhos. A carga desproporcional de trabalho de cuidado que recai sobre as mulheres, revela a necessidade urgente de reconhecer e apoiar-las (Daghustani e Mackenzie, 2022).

A vulnerabilidade sexual das crianças com TEA, é percebida pelos pais como um risco maior de abuso sexual devido a problemas de percepção. Comportamentos sexuais desses indivíduos frequentemente resultam em mal-entendidos e isolamento social, levando a consequências sociais não intencionais. Os pais enfrentam estresse e ansiedade significativos por causa dos comportamentos sexuais de seus filhos, além de confusão e preocupação sobre como esses jovens lidarão com suas necessidades sexuais no futuro, dadas as barreiras culturais existentes (Masoudi *et al.*, 2022).

O estudo desenvolvido por Kohn *et al.* (2023) revela disparidades significativas entre experiências afetivo-sexuais em adultos com TEA, pois estes relatam ter menos experiências nesse aspecto, apesar de receberem educação sexual em taxas semelhantes aos seus pares neurotípicos, a educação existente pode não ser adequada para ensinar tópicos mais complexos aos adultos com autismo. Surpreendentemente, não houve diferença significativa no conhecimento sexual preciso entre os grupos, embora adultos com TEA apresentem maiores dificuldades com linguagem, afetando sua comunicação em contextos sociais e românticos.

Adultos autistas relatam taxas mais altas de todos os tipos de violência em comparação com adultos não autistas. Esses indivíduos são mais propensos a experimentar múltiplas formas de violência e a enfrentar instâncias repetidas do mesmo tipo de violência. Enquanto no grupo não autista foram observadas diferenças típicas de gênero nos padrões de violência, tais diferenças não foram evidentes no grupo autista. Torna-se urgente identificar fatores de risco e proteção para essa população vulnerável, a fim de desenvolver intervenções eficazes e medidas de suporte (Gibbs; Hudson e Pellicano, 2023).

As famílias de indivíduos autistas enfrentam desafios significativos na dinâmica familiar, frequentemente impactando a vida social dos pais. Indivíduos autistas têm dificuldades em estabelecer relações interpessoais, muitas vezes preferindo o isolamento, embora valorizem

amizades nas quais são bem tratados. As dificuldades na expressão de sentimentos e na formação de relacionamentos afetivo-sexuais são fontes de preocupação tanto para os pais quanto para os próprios indivíduos autistas. A comunicação sobre sexualidade e afetividade é particularmente complexa, com a percepção de que a educação formal é insuficiente (Torralbas-ortega *et al.*, 2023).

As restrições pedagógicas enfrentadas pelos educadores ao adaptar o ensino de educação sexual para alunos autistas são evidentes devido à escassez de recursos específicos para autismo e à necessidade de personalização do ensino para atender às diversas necessidades individuais dos alunos. É crucial ensinar aos alunos autistas como gerenciar seus impulsos sexuais de maneira segura e apropriada, visando prevenir comportamentos sexualmente inapropriados e mitigar as possíveis consequências legais e sociais. Além disso, destaca-se a importância de uma educação sexual acessível, que permita aos alunos autistas compreenderem e expressarem sua sexualidade de maneira saudável e inclusiva (Bloor *et al.*, 2022).

Profissionais enfatizam a carência de treinamento especializado em afetividade e sexualidade para trabalhar com pessoas que têm TEA. A colaboração entre famílias, educadores e profissionais da saúde é crucial para abordar adequadamente a educação sexual e afetiva desses indivíduos. Adolescentes com TEA enfrentam desafios significativos ao compreender e manejar relacionamentos afetivos e sexuais, o que pode aumentar sua vulnerabilidade a comportamentos inapropriados e abuso (Torralbas-ortega *et al.*, 2023).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente a necessidade de abordar a educação afetivo-sexual de pessoas com TEA, dada a vulnerabilidade presente nessa população. Para isso, é crucial capacitar profissionais de educação e saúde, a fim de mitigar os fatores de risco para violência sexual. Nesse contexto, o papel do enfermeiro, especialmente na atenção primária à saúde, torna-se central devido à sua participação nos programas de educação em saúde para a população adscrita.

As lacunas de conhecimento dos profissionais sobre este tema precisam ser superadas para que possam oferecer uma assistência de saúde eficaz aos pacientes. Isso requer treinamentos especializados e a formulação de instrumentos para orientar práticas educativas eficazes. É essencial, portanto, o investimento público em programas de capacitação para profissionais de saúde, bem como a inclusão dessa temática na formação de novos profissionais.

A capacitação é fundamental para que enfermeiros na atenção à saúde de crianças e adolescentes possam identificar sinais e sintomas de transtornos do neurodesenvolvimento, encaminhando para profissionais capacitados em diagnóstico. Isso permite intervenções precoces em fatores comportamentais modificáveis, visando prevenir o sofrimento psíquico.

O fornecimento de informações de qualidade para pais e cuidadores também é crucial para orientar o desenvolvimento afetivo-sexual de pessoas com TEA, educando-as na idade apropriada e evitando práticas sexuais inadequadas e de risco. Para isso, é necessário desenvolver habilidades educacionais entre pais e cuidadores por meio de estratégias educativas.

Durante o desenvolvimento deste estudo, identificaram-se limitações relacionadas à disponibilidade de estudos abrangentes com critérios metodológicos mais rigorosos, especialmente no que diz respeito à compreensão mais profunda da perspectiva das pessoas com TEA sobre sua própria sexualidade, e à clara distinção entre os níveis de suporte estudados e suas especificidades.

Novas pesquisas precisam ser realizadas de modo a abordar práticas educativas no contexto da sexualidade de pessoas com TEA, assim como as especificidades dos níveis de suporte, assim como a ótica das pessoas com TEA em relação à própria sexualidade.

Espera-se que este trabalho contribua para o avanço da temática proposta, beneficiando a comunidade científica, os profissionais envolvidos e o desenvolvimento de políticas específicas que abordem as problemáticas enfrentadas pela população com TEA, visando a integralidade da saúde deste grupo.

REFERÊNCIAS

- ADAM, G. **Conhecimento da enfermagem perante o Transtorno do Espectro Autista**. 2021. p. 53 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.
- ALAGHBAND-RAD, J.; HAJIKARIM-HAMEDANI, A.; MOTAMED, M. Camouflage and masking behavior in adult autism. **Frontiers in psychiatry**, v. 14, p. 1108110, 2023.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2023.
- ANDRÉ, T. G. *et al.* Comunicación sexual en padres de hijos con trastorno del espectro autista. **Siglo Cero**, v. 53, n. 2, p. 9-20, 2022.
- ANDRÉ, T. G. *et al.* Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista. **Index de Enfermería**, v. 31, n. 4, p. 255-259, 2022.
- AROMATARIS, E.; MUNN Z. **Joanna Briggs Institute Reviewer's Manual. The Joanna Briggs Institute**, 2017.
- ASHINOFF, B. K.; ABU-AKEL, A. Hyperfocus: The forgotten frontier of attention. **Psychological research**, v. 85, n. 1, p. 1-19, 2021.
- BLOOR, D. *et al.* Investigating the challenges of teaching sex education to autistic learners: A qualitative exploration of teachers' experiences. **Research in Developmental Disabilities**, v. 131, p. 104344, 2022.
- BÖLTE, S.; GIRDLER, S.; MARSCHIK, P. B. The contribution of environmental exposure to the etiology of autism spectrum disorder. **Cellular and Molecular Life Sciences**, v. 76, p. 1275-1297, 2019.
- BONFIM, T. de A. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, p. e20190489, 2020.
- BOURNE, L.; MANDY, W.; BRYANT-WAUGH, R. Avoidant/restrictive food intake disorder and severe food selectivity in children and young people with autism: A scoping review. **Developmental Medicine & Child Neurology**, v. 64, n. 6, p. 691-700, 2022.
- BRADLEY, L. *et al.* Autistic adults' experiences of camouflaging and its perceived impact on mental health. **Autism in adulthood**, v. 3, n. 4, p. 320-329, 2021.
- BRASIL, **Lei nº12.764 de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil. 2012.
- Brasil. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, v. 128, n. 187, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 1.526, de 11 de outubro de 2023**. Diário Oficial da União. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: uma prioridade do governo/Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência**. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cuidando de Adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva**. 2016.

CAGE, E.; TROXELL-WHITMAN, Z. Understanding the reasons, contexts and costs of camouflaging for autistic adults. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, n. 5, p. 1899-1911, 2019.

CLEMENTELE, L. F. *et al.* DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO AUTISMO. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 2, p. 6-6, 2024.

CONTI, E. *et al.* Autism spectrum disorder and childhood apraxia of speech: early language-related hallmarks across structural MRI study. **Journal of personalized medicine**, v. 10, n. 4, p. 275, 2020.

CORBETT, B. A. *et al.* Camouflaging in autism: Examining sex-based and compensatory models in social cognition and communication. **Autism Research**, v. 14, n. 1, p. 127-142, 2021.

CREHAN, E. T.; ROCHA, J.; DUFRESNE, S. Brief report: Sources of sexuality and relationship education for autistic and neurotypical adults in the US and a call to action. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, n. 2, p. 1-6, 2022.

DAGHUSTANI, W.; MACKENZIE, A. Stigma, gendered care work and sex education: Mothers' experiences of raising autistic adolescents sons in socially conservative societies. **International Journal of Educational Research Open**, v. 3, p. 100215, 2022.

DE GIAMBATTISTA, C. *et al.* Subtyping the autism spectrum disorder: comparison of children with high functioning autism and Asperger syndrome. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, n. 1, p. 138-150, 2019.

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. Editora Companhia das Letras, 2017.

DUBREUCQ, M.; DUBREUCQ, J. Toward a gender-sensitive approach of psychiatric rehabilitation in autism Spectrum disorder (ASD): a systematic review of women needs in the domains of romantic relationships and reproductive health. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, p. 630029, 2021.

DUPUIS, A. *et al.* Hyperfocus or flow? Attentional strengths in autism spectrum disorder. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, p. 886692, 2022.

EDELSON, S. M. *et al.* Strategies for research, practice, and policy for autism in later life: A report from a think tank on aging and autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 51, p. 382-390, 2021.

GIBBS, V.; HUDSON, J.; PELLICANO, E. The extent and nature of autistic people's violence experiences during adulthood: A cross-sectional study of victimisation. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 53, n. 9, p. 3509-3524, 2023.

HILLIER, A. *et al.* LGBTQ+ and autism spectrum disorder: Experiences and challenges. **International journal of transgender health**, v. 21, n. 1, p. 98-110, 2020.

HOLMES, L. G.; STRASSBERG, D. S.; HIMLE, M. B. Family sexuality communication for adolescent girls on the autism spectrum. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, n. 6, p. 2403-2416, 2019.

HULL, L. *et al.* "Putting on my best normal": Social camouflaging in adults with autism spectrum conditions. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 47, p. 2519-2534, 2017.

JOYAL, C. C. *et al.* Sexual knowledge, desires, and experience of adolescents and young adults with an autism spectrum disorder: an exploratory study. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, p. 685256, 2021.

KAPP, S. K. *et al.* 'People should be allowed to do what they like': Autistic adults' views and experiences of stimming. **Autism**, v. 23, n. 7, p. 1782-1792, 2019.

KOHN, B. H. *et al.* Sexual Knowledge, Experiences, and Pragmatic Language in Adults With and Without Autism: Implications for Sex Education. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 53, n. 10, p. 3770-3786, 2023.

KOZAK, A. *et al.* Avoidant/Restrictive Food Disorder (ARFID), Food Neophobia, Other Eating-Related Behaviours and Feeding Practices among Children with Autism Spectrum Disorder and in Non-Clinical Sample: A Preliminary Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 10, p. 5822, 2023.

MAGGIO, M. G. *et al.* Sex and sexuality in Autism Spectrum disorders: a scoping review on a neglected but fundamental issue. **Brain Sciences**, v. 12, n. 11, p. 1427, 2022.

MASOUDI, M. *et al.* Exploring experiences of psychological distress among Iranian parents in dealing with the sexual behaviors of their children with autism spectrum disorder: a qualitative study. **Journal of Medicine and Life**, v. 15, n. 1, p. 26, 2022.

MUNIZ, A. P. M. D. *et al.* Integrando Práticas Psiquiátricas no Cuidado Multidisciplinar do TEA. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 1, p. 1358-1373, 2024.

OTTONI, A. C. V. **Sexualidade, Autismo e Vida Adulta: contribuições para educação sexual**. 2022. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, Brasil, 2022.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **International journal of surgery**, v. 88, p. 105906, 2021.

PARK, I. *et al.* Prevalence of and factors associated with school bullying in students with autism spectrum disorder: A cross-cultural meta-analysis. **Yonsei medical journal**, v. 61, n. 11, p. 909, 2020.

PUGLIESE, C. E. *et al.* Feasibility and preliminary efficacy of a parent-mediated sexual education curriculum for youth with autism spectrum disorders. **Autism**, v. 24, n. 1, p. 64-79, 2020.

SMITH, O.; JONES, S. C. ‘Coming out’ with autism: Identity in people with an Asperger’s diagnosis after DSM-5. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 50, n. 2, p. 592-602, 2020.

TORRALBAS-ORTEGA, J. *et al.* Affectivity and Sexuality in adolescents with Autism Spectrum Disorder from the Perspective of Education and Healthcare professionals: a qualitative study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 3, p. 2497, 2023.

TORRALBAS-ORTEGA, J. *et al.* Affectivity, sexuality, and autism spectrum disorder: qualitative analysis of the experiences of autistic young adults and their families. **BMC psychiatry**, v. 23, n. 1, p. 858, 2023.

VOGINDROUKAS, I. *et al.* Language and speech characteristics in autism. **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, p. 2367-2377, 2022.

WHITEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases, Eleventh Revision (ICD-11)**. World Health Organization, 2022.

YOUNG, S.; COCALLIS, K. A systematic review of the relationship between neurodiversity and psychosexual functioning in individuals with autism spectrum disorder (ASD) or attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD). **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, p. 1379-1395, 2023.

ZEIDAN, J. *et al.* Global prevalence of autism: A systematic review update. **Autism research**, v. 15, n. 5, p. 778-790, 2022.

ZHONG, N. H. *et al.* Measurement invariance of the Autism Impact Measure (AIM) across sex in children with autism spectrum disorder. **Autism Research**, v. 16, n. 1, p. 154-163, 2023.